

Oficinas de aprimoramento da comunicação oral em adultos: um estudo de caso

Oral communication improvement workshop for adults: a case study

*Paloma Cristina Rodeiro Neves¹, Ana Regina Graner Falcão², Maria Betânia Pereira Toralles³

¹Mestranda em Processos Interativos dos Órgãos e Sistemas pelo ICS/UFBA; ²Mestre em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; ³Doutora em Medicina e Saúde pela Universidade Federal da Bahia.

Resumo

Objetivo: relatar a percepção de um sujeito a respeito das Oficinas de Aprimoramento da Comunicação Oral em adultos inscritos na lista de espera da Clínica-Escola Professor Jurandy Gomes de Aragão, da Universidade do Estado da Bahia, com alguma dificuldade na comunicação oral. **Metodologia:** estudo de caso de caráter qualitativo descritivo e corte transversal, realizado por meio de uma entrevista semiestruturada, dividida em duas etapas. A primeira contendo itens relacionados aos dados de identificação que possam levantar o perfil do sujeito da pesquisa e a segunda, questões norteadoras referentes ao objeto de estudo. A partir do relato obtido, foi feita a análise de Bardin (Análise do Conteúdo). Posteriormente as fases de análise, foi possível organizar categorias de acordo com a frequência de aparecimento no depoimento. **Resultados:** diante das releituras e análises da narrativa da entrevistada, verificamos que a comunicação efetiva, a empatia e o trabalho em grupo foram fatores presentes durante as Oficinas e decisivos para a eficácia do atendimento fonoaudiológico diferenciado. **Conclusão:** ficou evidente que a abordagem grupal na Fonoaudiologia é benéfica, facilitando o aprimoramento da comunicação oral. No entanto, considerando-se que a atuação fonoaudiológica em grupo é ainda uma estratégia terapêutica pouco utilizada, novas pesquisas e estudos na área devem ser incentivados.

Palavras-chave: Comunicação. Distúrbios da fala. Prática de grupo. Processos grupais. Terapia da linguagem.

Abstract

Objective: report the perception of a subject concerning the Oral Communication Improvement Workshops for adults enrolled in the waiting list of the Prof. Jurandy Gomes de Aragão School Clinic, of the University of the State of Bahia, with some difficulty in oral communication. **Methodology:** case study of qualitative descriptive and cross-sectional nature, performed by a semi-structured interview, divided into two stages. The first containing items related to the identification data that may survey the profile of the research subjects, and the second, guiding questions relating to the object of study. From the obtained reports, an analysis of Bardin (Content analysis) was made. Later phases of analysis, it was possible to organize categories according to the frequency of appearance in the testimony. **Results:** on the re-readings and analysis of the interviewed narrative, was checked that the effective communication, empathy and teamwork were factors present during the workshops and decisive to the effectiveness of the differentiated speech therapy attendance. **Conclusion:** it became evident that the group approach in speech therapy is beneficial, facilitating the improvement of oral communication. However, considering that the speech therapy group acting is still hardly used therapeutic strategy, new researches and studies in the area should be encouraged.

Keywords: Communication. Speech disorders. Group practice. Group processes. Language therapy.

INTRODUÇÃO

A linguagem é o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas (CÂMARA JUNIOR, 2013). É o instrumento de adequação do indivíduo a sociedade e por ser o meio básico de comunicação, a linguagem representa o principal veículo de transmissão da expressividade humana, mas também de manifestação de ideologias (MALSCHITZKY, 2008). É por meio da linguagem que os indivíduos conseguem construir suas identidades, seja ela cultural ou até mesmo pessoal (personalidade).

Em toda comunicação há uma conduta de finalidade, o indivíduo trata de fazer-se entender na medida de suas possibilidades e necessidades. Nada mais é do que o mecanismo pelo qual as relações humanas existem e desenvolvem-se. Cabe à comunicação oral a função de integrar, unificar o discurso e a retórica a realidade organizacional e possibilitar maior compreensão de seus públicos sobre as mensagens da organização. Conhecer os elementos da comunicação oral é fundamental (MARTINS; FORTES, 2008).

Todos que utilizam a comunicação, principalmente, como ferramenta essencial de seu trabalho, precisam um dia vislumbrar o seu aperfeiçoamento. De acordo com a Lei 6965/81, o profissional habilitado a avaliar e ampliar o nível de aptidão comunicativo é o fonoaudiólogo (BRASIL,

Correspondente / Corresponding: * Maria Betânia Pereira Toralles – Instituto de Ciências da Saúde. Universidade Federal da Bahia – Endereço: Av. Reitor Miguel Calmon, s/n, Vale do Canela, Salvador – BA. CEP: 40110-100. – Tel: (71) 99965-9211 – E-mail: m.toralles@uol.com.br

1981). Ele será o responsável por aperfeiçoar a comunicação humana, seja pelo aprimoramento da linguagem oral e escrita, funções cognitivas, motricidade orofacial e cervical, aperfeiçoamento da comunicação em público, da ocupacional ou profissional. Sendo assim, o papel da Fonoaudiologia é ressaltar que, para o ser humano ter saúde plena e estar inserido com autonomia na sociedade em que vive, é essencial possuir a habilidade de se comunicar efetivamente (TEIXEIRA et al., 2013). Portanto, as políticas públicas de saúde devem zelar pela integralidade das ações preventivas e assistenciais.

Uma comunicação eficaz é composta de audição, linguagem, voz, articulação adequadas para completar o ciclo comunicativo. Sendo a “fala” considerada como um dos elementos essenciais da oralidade, determinada pela sua sequência, intensidade, ritmo e velocidade, ressonância e articulação.

Esses elementos são decisivos para se obter credibilidade no processo de transmissão de informações. Vale ressaltar que a comunicação é dialógica, ela não pode ser estabelecida se não se entende o que lê e não se compreende o que o interlocutor quer transmitir, pois depende tanto dos interlocutores quanto do contexto social, histórico e cultural (ARAÚJO; VIEIRA; CAVALCANTE, 2009, 2009). A forma como os elementos da fala são usados alcançará a interpretação e a percepção formuladas pelo ouvinte a respeito da mensagem e do comunicador. Um comunicador, cuja fala tem intensidade reduzida sugere sensações como medo, insegurança ou timidez, características que serão encaradas de forma negativa pelo público.

O comunicador com intensidade adequada e boa articulação conduzirá a uma ideia de domínio, clareza de ideias e de pensamentos, o que ajudará na conquista de credibilidade perante os grupos de interesse. Na maioria dos casos, a comunicação deixa de ser eficaz por vários fatores, como a timidez – capaz de prejudicar a relação entre emissor-receptor. O prestígio, o status, a atração sexual, e outros, podem influenciar de forma positiva ou negativamente no que está sendo transmitido (MEDEIROS apud GOMES et al., 2012).

Nos últimos anos, devido aos avanços nas pesquisas em Fonoaudiologia, principalmente, saúde pública e coletiva, novos questionamentos e demandas têm surgido com o propósito de reorganizar e resignificar novas técnicas para a atuação fonoaudiológica. Uma delas que está sendo bem aceita e utilizada é a prática grupal, por ser uma maneira de se desenvolver a terapia a partir de uma perspectiva “inovadora” para o modelo mecanicista pertinente nas clínicas privadas e públicas (RIBEIRO et al., 2012).

Na década de 80, no Brasil, no intuito de diminuir a lista de espera, agilizar os atendimentos, devido à grande demanda de usuários, as terapias em grupo foram adotadas exclusivamente pelos serviços públicos de saúde. Os atendimentos fonoaudiológicos grupais, naquela época, não tinham apoio de referenciais teóricos específicos,

eram estruturados a partir das quantidades de sujeitos e tipos de patologias apresentados (SOUZA et al., 2011). Atualmente, os grupos terapêuticos, na fonoaudiologia, não levam a patologia como critério primordial da terapia coletiva, mas sim a faixa etária, sexo, o contexto profissional dos pacientes, dentre outros aspectos. Pois o intuito é estimular a construção de relações entre os grupos, possibilitar uma escuta significativa entre os membros e resignificar a ação terapêutica.

Estudos recentes consideram o grupo terapêutico como um “espaço de reflexão aberto” para se discutir saúde de maneira ampliada, construído por meio de critérios que vão além da condição patológica do participante. Deve ser considerado um recurso terapêutico que promova a autonomia do sujeito e ressignificações do processo saúde/doença (RECCO; LOPES, 2016).

A terapia em grupo, principalmente, na fonoaudiologia, tem representado uma forma diferenciada de proporcionar a construção conjunta de conhecimento entre sujeitos e o intercâmbio de experiências, transformar a visão dos indivíduos e profissionais envolvidos, e resignificar os processos patológicos (PICHON-RIVIÉRE apud FRIEDMAN; LOPES; RIBEIRO, 2011). As terapias grupais tendem a motivar os participantes nas atividades, visto que desenvolvem o vínculo de amizade entre os membros, o sentimento de acolhimento. O conceito de vínculo é sempre social e se concebe através da repetição das histórias das relações interpessoais do sujeito, compostas por vínculos antes determinados em um tempo e espaço (RIBEIRO et al., 2012). Sendo assim, é a partir do vínculo que a personalidade do sujeito se configura, assumindo particularidades a partir de cada relação singular.

Uma das funções do trabalho terapêutico em grupo é o de conter e administrar a ansiedade comum aos integrantes seja quanto a sua patologia ou “medos” (PICHON-RIVIÉRE apud FRIEDMAN; LOPES; RIBEIRO, 2011). Mas, vale ressaltar que cada participante terá uma forma particular de expressar esta ansiedade. Portanto, a troca de experiências entre os participantes será fundamental para amenizar esta ansiedade, mas também para modificar a autopercepção de cada integrante sobre sua patologia frente às dificuldades do outro, tornando assim o grupo cada vez mais homogêneo.

Esta pesquisa teve como objetivo relatar a percepção de um sujeito a respeito das Oficinas de Aprimoramento da Comunicação Oral em adultos inscritos na lista de espera da Clínica-Escola Professor Jurandy Gomes de Aragão, da Universidade do Estado da Bahia, com alguma dificuldade na comunicação oral.

METODOLOGIA

Foram convidados para essa pesquisa quatro pacientes da lista de espera da Clínica-Escola Professor Jurandy Gomes de Aragão da Universidade do Estado da Bahia, que buscavam uma melhoria na comunicação oral, mas apenas uma “paciente” se dispôs a participar do estudo.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia, realizado em conformidade com as normas vigentes para a pesquisa envolvendo seres humanos, segundo a Resolução 466/12, parecer nº 40434314.7.0000.0057.

Os requisitos de inclusão dos participantes foram: idade entre 18 e 60 anos, manifestar interesse em aprimorar a comunicação oral pela presença ou não de alguma alteração de linguagem, frequentar as Oficinas de Aprimoramento da Comunicação Oral, constar o nome na lista de espera da Clínica-Escola Professor Jurandy Gomes de Aragão, aceitar participar da pesquisa e assinar o Termo Consentimento Livre e Esclarecido dos sujeitos (ANEXO A).

Os critérios de exclusão dos participantes foram: apresentar alteração na fala decorrente de algum distúrbio de base neurológica e/ou psiquiátrica, e possuir perda auditiva condutiva, sensorineural ou mista.

Tratou-se de um estudo de caso de caráter qualitativo descritivo e corte transversal, em que os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, dividida em duas etapas. A primeira contendo itens relacionados aos dados de identificação a fim de levantar o perfil dos sujeitos da pesquisa e a segunda, questões norteadoras referentes ao objeto de estudo (APÊNDICE A). O contato com a participante ocorreu presencialmente, após aceitação e assinatura do TCLE, foi dado início à entrevista.

Inicialmente, os participantes foram convidados a frequentar as Oficinas de Aprimoramento da Comunicação Oral, através de cartazes e panfletos distribuídos nos murais dos Departamentos de Ciências Humanas, Educação e Ciências da Vida, pela própria pesquisadora, para divulgar a realização dessas Oficinas. Vale ressaltar que todos os sujeitos interessados nessas Oficinas foram encaminhados para Clínica-Escola para inserirem seus nomes na lista de espera e assim efetivarem sua inscrição no projeto. O foco inicial foi conseguir chamar para esses encontros “futuros profissionais” que desejassem melhorar a comunicação oral, mas também utilizassem a oratória como recurso para o sucesso tanto acadêmico quanto profissional, tais como: professores e advogados, a partir das atividades desenvolvidas nas Oficinas.

As estratégias de cada Oficina dependeram do tema abordado na semana. Sendo os assuntos mais recorrentes: expressividade, oratória, dicção, articulação e fonação. No entanto, todas priorizaram um trabalho dinâmico, criativo e o mais atrativo possível, pois era preciso que os participantes demonstrassem interesse pelas atividades e que estas promovessem alguma mudança para a vida desses indivíduos.

Para análise dos dados resultantes da entrevista e da avaliação final, foi utilizada a técnica de análise temática de conteúdo, análise de Bardin (2009). As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três polos, conforme (BARDIN, 2009; NUNES et al., 2008):

1. A pré-análise – fase de organização e sistematização das ideias, em que ocorre a escolha dos documentos a serem analisados, a retomada das

hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa em relação ao material coletado, e a elaboração de indicadores que orientarão a interpretação final;

2. A exploração do material – trata-se da fase em que os dados brutos do material são codificados para se alcançar o núcleo de compreensão do texto;
3. O tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação do material colhido.

Após seguir as fases de análise, foi possível organizar categorias de acordo com a frequência de aparecimento nos depoimentos. As categorias formadas foram: **Comunicação efetiva, Empatia e Trabalho em grupo.**

APRESENTAÇÃO DO CASO CLÍNICO

M.A.R.S., sexo feminino, estudante de pedagogia (UNEB), 58 anos, participou das Oficinas de Aprimoramento da Comunicação Oral devido a sua dificuldade em falar em público. Durante todo o semestre, mostrou entusiasmo com as atividades e dificilmente faltava os encontros semanais. É tímida, fala baixo e apresenta uma postura corporal inadequada (curvada). No entanto, nas atividades com o grupo conseguia interagir com os outros colegas e com a própria pesquisadora.

RESULTADOS

Diante das releituras e análises da narrativa da participante, foram encontradas com maior frequência e relevância no discurso da entrevistada as categorias: **Comunicação efetiva, Empatia e Trabalho em grupo.**

DISCUSSÃO

Em relação à categoria **comunicação efetiva**, a participante ressaltou a importância na atualidade, destacando sua influência na sua futura profissão e construção da própria identidade.

[...] A comunicação oral é muito importante nos dias atuais, pois quem não sabe se comunicar fica ‘trás’, a comunicação oral influencia na nossa imagem pessoal, na nossa vida profissional [...]. (SILVA, 2016)¹.

Uma comunicação eficaz e de qualidade deve ser composta de audição, linguagem, voz e articulação adequadas para completar o ciclo comunicativo. Neste contexto, é um processo que se encontra relacionado também à expressividade. A pessoa expressiva é comunicativa, possui capacidade de trocar ideias, conversar, dialogar e comunicar adequadamente as informações. A expressividade nada mais é do que a capacidade do indivíduo tornar vivo seu pensamento pela linguagem e pela expressão corporal, permitindo a transmissão de informações de modo efetivo (ROMANO et al., 2011).

O processo de globalização e as mudanças estruturais

¹ SILVA, M. A. R **Entrevista I**. [jul. 2016]. Entrevistador: Paloma Cristina Rodeiro Neves. Salvador, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste artigo.

nos sistemas produtivos têm levado a reestruturação do modelo de mercado [...], cada vez mais seletivo e competitivo. Um indivíduo que sabe comunicar-se bem, de forma clara e coesa, possui grandes chances de ascender profissionalmente e socialmente, como foi destacado e observado pela participante do grupo (MEDEIROS, 2014).

Na categoria que versa sobre **empatia**, foi possível evidenciar o quanto o trabalho em grupo propiciou a identificação com o outro, podendo até o sujeito sentir o que outro sente ou aprender da maneira como ele aprende:

[...] o maior benefício do trabalho em grupo é que encontramos pessoas com os mesmos problemas que os nossos [...]. (SILVA, 2016)².

Ao longo dos encontros, o grupo terapêutico foi tornando-se mais homogêneo, comprovando assim a consolidação do vínculo e os laços de amizades construídos. Todos os participantes compartilhavam do mesmo problema: dificuldade e medo de falar em público. Essa situação favoreceu o processo de empatia bem como adesão da participante do presente estudo.

O grupo possibilita que o indivíduo exerça a autenticidade e conte com a empatia necessária para implicar-se no processo de tornar-se pessoa (influência do Humanismo Rogeriano – abordagem centrada na pessoa). Tal abordagem diferencia-se das abordagens tradicionais, pois enfoca o bem-estar e a qualidade de vida, e procura transformar antigas questões em novas oportunidades de crescimento, seja ele profissional ou pessoal (SOUZA et al., 2011).

Diversos estudos, voltados para psicanálise, apontam que quanto maior a familiaridade e similaridade com o outro, mais fácil às associações afetivas e sociais. O trabalho em grupo tem a capacidade de aflorar esta identificação com o outro, pois envolve aspectos como: familiaridade (experiência prévia entre sujeito e o objeto), similaridade (por exemplo: raça, personalidade, idade, sexo), experiência passada, dentre outros (SOUZA et al., 2011).

Na categoria **trabalho em grupo**, foi possível observar o quanto a participante acha relevante e primordial o trabalho em grupo para o sucesso terapêutico, destacando as vantagens e diferenciais desse método:

[...] Trabalhar em grupo é muito importante porque é saber que ‘nos’ não estamos sozinhos, que dependemos de outras pessoas para conversar, argumentar, ouvir opiniões das outras, aprender a respeitar o espaço do outro, saber que todos ‘nos’ temos problemas e que o ser humano nasceu para viver em sociedade [...]. (SILVA, 2016).

[...] Melhor participar em grupo, porque para quem é tímido ter contato com outras pessoas é muito importante [...] Aprendi a vencer a timidez, falar ‘publicamente’, ter postura, saber ler em voz alta para o público. (SILVA, 2016)³.

Diversos autores destacam as razões para utilização da abordagem grupal, enfatizando seus benefícios e implicações clínicas (CUNHA; SANTOS, 2009). Podemos destacar algumas como:

4. Boa parte do aprendizado social é realizado em grupos, sendo assim o trabalho grupal promove um contexto pertinente para a prática deste aprendizado;
5. Pessoas com necessidades semelhantes podem apoiar-se mutuamente, propor soluções para problemas comuns;
6. Os integrantes de um grupo podem aprender com o “*feedback*” dos outros;
7. Os integrantes de um grupo podem experimentar novos papéis, ao verem qual é a reação do outro diante deles (modelagem dos papéis) e podem ser apoiados ou reforçados nisso;
8. Os grupos podem ser catalisadores para o desenvolvimento de recursos e habilidades latentes;
9. Os grupos são mais adequados para algumas pessoas, por exemplo, aquelas que consideram intensas demais a intimidade do trabalho individual;
10. Os grupos podem ser mais democráticos, compartilhando o poder e a responsabilidade;
11. Alguns terapeutas consideram o trabalho grupal mais satisfatório que o individual;
12. Os grupos podem ser econômicos e práticos, permitindo que um especialista auxilie diversas pessoas ao mesmo tempo. Levando-se em consideração cada demanda a partir da coletividade.

O grupo terapêutico tem a capacidade de administrar a ansiedade comum a todos os membros, que adquire características particulares a cada um dos participantes. Essa troca de experiência entre os integrantes, gradativa, reduz a heterogeneidade do grupo, fazendo com que este se torne mais homogêneo. Facilitando assim, a adesão e criação de vínculo entre os participantes (PENTEADO et al., 2009; RIBEIRO et al., 2012).

O vínculo terapêutico proporcionado pelo trabalho grupal permite o acolhimento dos membros e criação de laços de amizade. Com o passar do tempo, então, fica mais fácil à aceitação do grupo as atividades propostas. Tal adesão permite e promove as trocas intersubjetivas, a inclusão, autopercepção, autoconhecimento, e as expressões de afeto, tornando-se um meio para o processamento de informações (RIBEIRO et al., 2012).

O diferencial do trabalho em grupo é que os critérios para sua composição, geralmente, são realizados sem levar em conta a patologia do indivíduo, mas sim faixa etária, sexo e contexto profissional dos participantes. Na verdade, o trabalho grupal não se prende ao modelo biomédico, focado simplesmente na saúde-doença, mas na perspectiva da saúde coletiva (RIBEIRO et al., 2012).

O trabalho em grupo, principalmente na Fonoaudiologia, permite a criação de um espaço amplo e importante no processo de construção conjunta de conhecimentos,

² Ibid., p. 13.

³ loc. cit.

trocas de experiências, (re) significações, desenvolvimento da linguagem e subjetividade (SOUZA et al, 2011). Estudos mais recentes, voltados para o telejornalismo, adotam a intervenção fonoaudiológica como estratégia facilitadora para o processo de aperfeiçoamento comunicativo (NEIVA; GAMA; TEIXEIRA, 2016).

A terapia em grupo além de permitir a interação entre os membros, promove as habilidades pragmáticas tais como: aumento de tomada de turnos bem como iniciativas comunicacionais, aumento da variedade das funções comunicativas e de atos de fala. Como o grupo propicia as práticas conversacionais também em outros contextos, é possível o aumento, então, das funções psicossociais bem como da participação na vida da comunidade (SANTANA, 2015).

CONCLUSÃO

As análises das narrativas apresentadas pela participante nesta pesquisa foram capazes de demonstrar a importância do atendimento fonoaudiológico em grupo para o sucesso terapêutico. Destacando assim, a abordagem grupal como uma maneira eficaz de atuar na Fonoaudiologia. Foi possível demonstrar que o trabalho fonoaudiológico em grupo não tem somente o objetivo de reduzir o número de pacientes da lista de espera, mas também de promover a construção conjunta de conhecimento entre os sujeitos e as trocas de experiências, modificando a visão dos indivíduos e propiciando as (re) significações dos processos patológicos. Ficou evidente que o fator empatia pode ajudar no trabalho em grupo, e ambos desenvolvidos conjuntamente facilitam o aprimoramento da comunicação oral.

O presente trabalho procurou relatar a percepção de um sujeito a respeito das Oficinas de Aprimoramento da Comunicação Oral para adultos, evidenciando os benefícios e peculiaridades da abordagem grupal na fonoaudiologia. No entanto, considerando-se que a atuação fonoaudiológica em grupo é ainda uma estratégia terapêutica pouco relatada, novas pesquisas e estudos na área devem ser incentivados.

REFERÊNCIAS

13. ARAÚJO, I. R. L.; VIEIRA, A. S.; CAVALCANTE, M. A. S. Contribuições de Vygotsky e Bakhtin na linguagem: sentidos e significados. **Debates em Educação**, Maceió, v. 1, n. 2, p. 1-14, jul./dez. 2009.
14. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.
15. BRASIL. Lei n. 6965, de 9 de dezembro 1981. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de fonoaudiólogo e determina outras providências **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 dez. 1981. Disponível em: <<http://www.fonoaudiologia.org.br/legislacaoPDF/lei%20n%206.965,%20de%209%20de%20dez%201981.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2016.
16. CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**: refe-

rente á língua portuguesa. 26. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

17. CUNHA, A. C. F.; SANTOS, T. F. A utilização do grupo como recurso terapêutico no processo da terapia ocupacional com clientes com transtornos psicóticos: apontamentos bibliográficos. **Cad. Terap. Ocup. UFSCar**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 133-146, 2009.
18. MALSCHITZKY, N. **Falar corretamente e se expressar bem são fatores essenciais para o sucesso**. 2008. Disponível em: <<http://www.cimentoitambe.com.br/massa-cinzenta/falar-corretamente-e-se-expressar-bem-sao-fatores-essenciais-para-o-sucesso/>>. Acesso em: 23 maio 2016.
19. MARTINS, M. T. M. C.; FORTES, W. G. A. Expressividade da comunicação oral e sua influência no meio corporativo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais...** Londrina: UEL, 2008.
20. MEDEIROS, D. **Os jovens e o mercado de trabalho**: um estudo de caso sobre a percepção da empregabilidade na empresa Motiv Telecom na cidade de João Pessoa-PB. 2014. 27 f. Monografia (Graduação em Administração) – Escola de Administração, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.
21. GOMES, J. A. et al. A importância da comunicação oral eficiente para o sucesso do profissional de secretariado executivo. **Comun. & Inf**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 14-33, 2012.
22. NEIVA, T. M. A.; GAMA, A. C. C.; TEIXEIRA, L. C. Expressividade vocal e corporal para falar bem no telejornalismo: resultados de treinamento. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 498-507, mar./abr. 2016.
23. NUNES, A.V.L. et al. **Análise de Conteúdo**: olhar da técnica sobre o preconceito racial no Brasil. 2008. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0443.pdf>>. Acesso em 23 de maio de 2016.
24. PENTEADO, R. Z. et al. Vivência de voz com profissionais de um hospital: relato de experiência. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 449-456, jul./set. 2009.
25. FRIEDMAN, S.; LOPES, J. C.; RIBEIRO, M. G. O vínculo no trabalho terapêutico fonoaudiológico com grupos. **R. Distúrbios Comun.**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 59-70, abr. 2011.
26. RECCO, R. A. C.; LOPES, S. M. B. Sobre fisioterapia e seus recursos terapêuticos: o grupo como estratégia complementar à reabilitação. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 593-610, maio/ago. 2016.
27. RIBEIRO, V. V. et al. Grupo terapêutico em fonoaudiologia: revisão de literatura. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 544-552, maio/jun. 2012.
28. ROMANO, C. C. et al. A expressividade do docente universitário durante sua atuação na sala de aula: análise dos recursos verbais utilizados e suas implicações para a enfermagem. **R. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 5, p. 1-9, set./out. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n5/pt_17.pdf>. acesso em: 23 maio 2016.
29. SANTANA, A. P. Grupo terapêutico no contexto das afasias. **R. Distúrbios Comun.**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 4-15, mar. 2015.
30. SILVA, M. A. R. **Oralidade (aprimoramento). Dificuldade em falar em público**. [jul. 2016]. Salvador: Entrevista.
31. SOUZA, A. P. R. et al. O grupo na fonoaudiologia: origens clínicas e na saúde coletiva. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 140-151, jan./fev. 2011.
32. TEIXEIRA, L. C. et al. Trajetória profissional de egressos em fonoaudiologia. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 1591-1600, nov./dez. 2013.

Submetido em: 07/10/16

Aceito em: 09/11/2016

APÊNDICE A – ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO

Nome: M.A.R.S.

Data de nascimento: 12.05.57.

Profissão: Estudante de Pedagogia (UNEB).

Escolaridade: Superior incompleto.

Principal queixa fonoaudiológica: Oralidade (aprimoramento). Dificuldade em falar em público.

Tempo de participação nas Oficinas de Aprimoramento da Comunicação Oral: 4 meses.

2 – QUESTÕES NORTEADORAS:

- Qual a importância da boa oratória e da expressividade para a comunicação humana?
- É melhor participar de terapias em grupo ou individuais? Justifique sua resposta a partir da vivência nas Oficinas de Aprimoramento da Comunicação Oral.
- Quando e como você percebeu que tinha algo de “errado” com a sua fala?
- Qual foi o seu aprendizado com as atividades ministradas nas Oficinas de Aprimoramento da Comunicação Oral?
- O que mudou na sua vida, no âmbito social e profissional, após a participação nas Oficinas de Aprimoramento da Comunicação Oral?
- Qual a importância do trabalho fonoaudiológico em grupo? Justifique sua resposta a partir da vivência nas Oficinas de Aprimoramento da Comunicação oral.
- Após a sua participação nas Oficinas de Aprimoramento da Comunicação Oral, você considerase um indivíduo preparado para o mercado de trabalho? Considere somente os aspectos que envolvem a comunicação humana.
- Quais os benefícios do trabalho em grupo na fonoaudiologia?

As respostas a seguir foram escritas pela própria participante e transcritas na íntegra pela pesquisadora:

- “A comunicação oral é muito importante nos dias atuais, pois quem não sabe se comunicar fica para trás, a comunicação oral influencia na nossa imagem pessoal, na nossa vida profissional, a falta de comunicação nos deixa estacionados. Quem não sabe falar bem fica em desvantagem em relação a outras pessoas, a comunicação oral não fica restrita somente a fala mas a postura e a escrita.”*
- “Melhor participar em grupo, porque para quem é tímido ter contato com outras pessoas é muito importante.”*
- “Não entrei no grupo por causa da fala, entrei para trabalhar a oralidade, saber falar bem em público.”*
- “Aprendi a vencer a timidez, falar ‘publicamente’, ter postura, saber ler em voz alta para o público.”*

- “Pouca coisa mudou, pois vencer a timidez e falar em público, não se muda da noite para o dia, é um exercício constante até a gente conseguir superar as nossas dificuldades, é um processo gradativo.”*
- “Trabalhar em grupo é muito importante, porque é saber que ‘nos’ não estamos sozinhos, que dependemos de outras pessoas para conversar, argumentar, ouvir as opiniões dos outros, aprender a respeitar o espaço do outro, saber que todos ‘nos’ temos problemas e que o ser humano nasceu para viver em sociedade.”*
- “Sim, ‘me considero’ uma pessoa apta para o mercado de trabalho, não só pelas oficinas ‘mais’ pela experiência de vida.”*
- “O trabalho em grupo é sempre bom não só na fonoaudiologia, mas em qualquer ‘area’ e atividade que se faça o maior benefício do trabalho em grupo é que encontramos pessoas com os mesmos problemas que os nossos, que ‘estou’ ali querendo melhorar.”*

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA – CAMPUS I COLEGIADO DE FONOAUDIOLÓGIA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa seguirá os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome do participante: _____

Sexo: M () F ()

Documento de Identidade nº: _____

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Complemento: _____

Bairro: _____

Cidade: _____

CEP: _____

Telefone: (____) _____ /

(____) _____

II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: “Oficinas de aprimoramento da comunicação oral em adultos: Um estudo de caso”

PESQUISADORA: Paloma Cristina Rodeiro Neves

CARGO/FUNÇÃO: Graduanda do 9º semestre do curso de

bacharelado em Fonoaudiologia da UNEB.
ORIENTADORA: Profa. Ma. Ana Regina Graner Falcão
CARGO/FUNÇÃO: Docente do curso de bacharelado em Fonoaudiologia da UNEB.

3. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

RISCO MÍNIMO (X) RISCO MAIOR QUE O MINIMO ()
ESCLARECIMENTO: A participação nas Oficinas poderá ou não causar desconforto ao sujeito da pesquisa, no entanto a(s) pesquisadora(s) estarão preparadas para oferecer o apoio e atendimento necessário, mas ainda assim, o sujeito poderá interromper o processo a qualquer momento e sua vontade será atendida.

4. DURAÇÃO DA PESQUISA:

Esta pesquisa terá duração de 5 meses.

III – REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PACIENTE OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, CONSIGNANDO:

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Oficinas de aprimoramento da comunicação oral em adultos: Um estudo de caso”. A qualquer momento poderá desistir e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência da implementação de Oficinas de Aprimoramento da Comunicação Oral em adultos inscritos na lista de espera da Clínica-Escola Professor Jurandy Gomes de Aragão, da Universidade do Estado da Bahia, com alguma dificuldade na comunicação oral. Será realizada uma entrevista com o participante e este será convidado a participar de Oficinas de linguagem em grupo, após aprovação de um comitê de ética. Esta atividade apresenta baixo risco aos sujeitos participantes, pois pode causar desconforto relacionado à natureza da entrevista.

A análise dos dados será feita através da análise das Oficinas com o participante. Posteriormente a pesquisa será sistematizada para publicação científica, com o intuito de contribuir com as pesquisas nessa área.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Somente serão divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o número do telefone da pesquisadora principal e do orientador, que poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

IV – ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

É garantido aos participantes da pesquisa o direito de esclarecer suas dúvidas quanto aos procedimentos e benefícios da mesma, além de poder deixar a pesquisa quando for de sua vontade. Os dados coletados serão arquivados e mantidos em total sigilo, sendo utilizados apenas para essa pesquisa. Assegurando assim a privacidade e confidencialidade aos participantes.

É importante salientar que os participantes não terão nenhum ônus com a pesquisa e que os mesmos serão voluntários, de forma que não receberão nenhuma gratificação por isso. Informamos, no entanto que de acordo com a Res. 466/12 CNS/MS o participante da pesquisa possui direito a indenização caso se sinta prejudicado com a mesma.

V – INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Pesquisadora: Paloma Cristina Rodeiro Neves
Endereço: Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador – BA. CEP: 41.150-000

– Colegiado de Fonoaudiologia – UNEB.

Telefone: (71) 99171-9170

Orientadora: Ana Regina Graner Falcão

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador – BA. CEP: 41.150-000

– Colegiado de Fonoaudiologia – UNEB.

Telefone: (71) 99118-8805

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/ UNEB, UNEB – Pavilhão Administrativo – Térreo – Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000
Tel: (71) 31172445 E-mail: cepuenb@uneb.br COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN – Unidade II – Ministério da Saúde CEP:70750-521 – Brasília-DF
Telefone: (61) 3315-5878 E-mail: conep@saude.gov.br

VI – CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consento em participar do presente Protocolo de Pesquisa. Salvador, _____ de _____ de 20____